

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos



10 anos do
Grupo Atlas das
Línguas em
Contato na
Fronteira (ALCF)

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)

Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na
Fronteira (ALCF)**

Para citar esta publicação, utilize por favor este link:

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:384-opus4-1188624>

Informação bibliográfica da Biblioteca Nacional Alemã:

A Biblioteca Nacional Alemã registra esta publicação na Bibliografia Nacional Alemã; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na Internet em dnb.dnb.de.

O volume completo é publicado pelos editores em Acesso Aberto sob a licença CC-BY-NC 4.0 e editado e disponibilizado por meio do repositório OPUS da Universidade de Augsburg. Todas as citações de textos e imagens estão protegidas por direitos autorais. Todos os direitos, incluindo reprodução, publicação, edição e tradução, estão reservados.

© 2025

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Produção e Editora: BoD – Books on Demand, Norderstedt

A publicação foi apoiada com recursos da Universidade de Augsburg.

A ilustração da capa apresenta um recorte da região abordada no livro, com base em um mapa do cartógrafo Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, datado de 1733.

ISBN: 9783769377651

Sumário

Cléo V. Altenhofen

Prefácio 1

Felício Wessling Margotti

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil 5

Martina Steffen

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil):

Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’ 29

Cristiane Horst, Celina Eliane Frizzo, Ana Elizabete Fornara, Marcelo Jacó Krug

Por uma educação plurilinguística – reflexões sobre trabalho com a diversidade linguística na escola: um olhar para a BNCC 49

Edenize Ponzó Peres, Marco Antônio de Oliveira

Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo 75

Ediene Pena Ferreira, Marco Antônio de Oliveira

Diversidade linguística no oeste paraense: o perfil dos alunos indígenas da Universidade Federal do Oeste do Pará 95

Joachim Steffen, Marcelo Jacó Krug

Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil 111

Simone de Sousa Naedzold, Antonio Carlos Santana de Souza

Considerações sobre atlas linguísticos: a constituição linguística dos falares do/no Brasil 129

Neusa Inês Philippsen

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito linguístico? 151

Sanimar Busse

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná..... 177

Rayani Andressa da Cruz Oliveira, Cristiane Schmidt

Desafios do ensino de variação linguística em tempos de pandemia da covid-19:
revisitando algumas sugestões pedagógicas..... 195

Sobre os autores 215

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná¹

Sanimar Busse

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

1. Palavras iniciais

Este capítulo apresenta um recorte da tese de doutorado “Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná” (BUSSE, 2010). A pesquisa buscou descrever a fala de 8 informantes, selecionados a partir das variáveis sexo, faixa-etária e escolaridade, de 9 localidades da região, com o objetivo de analisar os traços linguísticos mantidos dos grupos sulistas que colonizaram os municípios e as formas inovadoras que ingressaram como movimentos migratórios recentes.

Neste texto, especificamente, apresentamos a análise das crenças e atitudes linguísticas, coletadas por meio de questões metalinguísticas do questionário semiestruturado da pesquisa, considerando a formação de núcleos culturais e a heterogeneidade de grupos linguísticos presentes nas localidades (2010). A rede de pontos da pesquisa é formada por Ponto 01 – Guaíra, Ponto 02 - Assis Chateaubriand, Ponto 03 – Marechal Cândido Rondon, Ponto 04 – Santa Helena, Ponto 05 – Medianeira, Ponto 06 – Santa Terezinha de Itaipu, Ponto 07 – Capitão Leônidas Marques, Ponto 08 – Cascavel e Ponto 09 – Guaraniaçu. A escolha das localidades se deu pelo seu povoamento a partir das décadas de 1930 até 1960 por colonizadores sulistas, vindos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A questão que se coloca quanto às respostas ao questionário metalinguístico diz respeito ao comportamento linguístico dos falantes entrevistados diante das línguas e falares presentes nas localidades. Trata-se da análise das crenças e das atitudes linguísticas dos falantes em contexto de contato entre falares do português brasileiro e diferentes línguas.

¹ Este texto é um recorte da tese “Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná”. (BUSSE, 2010). A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, com a Bolsa de Estágio de Doutorado na Christian-Albrechts-Universität (CAU) zu Kiel/Alemanha, CAPES/DAAD

Entendemos que a manutenção e a inovação linguística, nesse contexto, remetem ao conjunto de conhecimentos, posicionamentos, avaliações e ações dos falantes sobre os diferentes grupos linguísticos, em diferentes momentos da história.

Conforme destaca Busse (2010, p. 22),

O Oeste paranaense teve sua formação marcada pela homogeneidade étnica e cultural. O sentimento e a crença dos antepassados, que colonizaram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de recriar nas terras brasileiras a vida deixada na Europa motivaram os primeiros moradores a se instalarem na região. A língua, assim como outros aspectos da cultura, foi o elemento de ligação com a terra deixada para trás, tanto a pátria mãe, na Europa, quanto à segunda pátria, o Rio Grande do Sul ou Santa Catarina. Muito embora tivesse que conviver e se adaptar à nova realidade, esse migrante/imigrante teve nos planos das colonizadoras as condições necessárias para formar no Oeste a sua nova pátria. Tais sentimentos e atitudes eram convenientes, também, aos planos de progresso e consolidação da política nacionalista de conservação das áreas de fronteira com o Paraguai e a Argentina.

A história da região também deve ser compreendida a partir do processo de ocupação da fronteira do Sul do Brasil que, segundo Rippel (2005), desenvolveu-se no Rio Grande do Sul, mais tarde em Santa Catarina, e, num momento posterior, no Paraná. Neste estado, a ocupação das terras e a formação das localidades se deram na presença de portugueses, paulistas, mineiros, nordestinos, e com grande participação de imigrantes gaúchos e catarinenses. Com relação a estes últimos, destacam-se as representações em torno da terra, do trabalhar a terra e do trabalhador da terra, no caso, o colono.

Quanto à formação dos núcleos sulistas, nascidos a partir do movimento nacional denominado Marcha para o Oeste, Busse (2010, p. 39) destaca,

Entre os idealizadores e realizadores do projeto, um sentimento de nacionalismo e de reafirmação do imaginário social em torno da unidade e homogeneidade, numa atitude contra o outro, o forasteiro, o diferente. Os governantes do período souberam como reavivar e fomentar o sentimento de homogeneidade cultural trazido pelos imigrantes europeus, principalmente com a promessa da propriedade da terra, o que dava ao colono autoridade para impor e preservar sua cultura e seus hábitos

As reflexões se somam aos estudos variacionistas sobre o português brasileiro, em que a descrição dos fenômenos da língua aponta para a necessidade de identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas sobre os falares e seus falantes. Entendemos que as crenças podem mobilizar determinadas atitudes linguísticas, as quais podem atuar sobre a manutenção e/ou a inovação linguística.

2. Línguas e falares em contato: cenários para a formação de crenças e atitudes linguísticas

A formação histórico-cultural e linguística da região pode ser descrita como um colorido mosaico, cujas partes conectadas refletem contatos que marcaram uma identidade linguística polimórfica, em que alguns grupos, sob o efeito de luz e sombra, têm traços culturais e linguísticos destacados, enquanto outros obscurecidos estão apagados, silenciados.

A realidade linguística da região é atravessada pela formação histórica e cultural a partir de 3 momentos que se relacionam transversalmente. O primeiro momento compreende os anos de 1600², com a presença de espanhóis, nas reduções jesuíticas, e de bandeirantes paulistas. As reduções jesuíticas e as entradas e bandeiras deixaram um resultado marcante no reconhecimento da cultura e da língua indígenas como elementos da formação linguística da região.

O segundo momento é marcado por três eventos distintos, a instalação da Vila Militar, em 1889, em Foz do Iguaçu, as atividades da empresa Erva Mate Laranjeiras no município de Guaíra, em 1910, e as Obrages, na década de 1920. Este período é marcado por uma insegurança territorial, principalmente na fronteira com o Paraguai e com a Argentina, cujos desdobramentos são o afastamento linguístico entre o espanhol, o guarani e o português falados na fronteira. Em pesquisa que descreve o português falado no Oeste do Paraná, principalmente, em Guaíra, município localizado na fronteira com o Paraguai, Busse (2010) não registrou sugestão ou mesmo identificação de termos das línguas espanhola e guarani nas respostas ao questionário semântico-lexical.

Por fim, o terceiro momento, com a colonização sulista por grupos descendentes de europeus vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o povoamento da região. A retomada das fronteiras e a política de colonização do governo brasileiro que giraram em

² PARELLADA, C. I. Análise da malha urbana de Villa Rica dei Espiritu Santo (1589-1632) / Fênix-PR. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 5, p. 51-61, 1995.

torno do colono sulista constituíram-se como ambiente favorável para o ressurgimento do sentimento em torno da “terra prometida”, que trouxe os imigrantes europeus ao Brasil, no século XIX.

A chegada do colono sulista à região foi pavimentada sob a perspectiva de reprodução do modo de vida dos antepassados e da implantação de hábitos de suas culturas de origem. Com a rara presença de outros grupos na região o projeto de povoamento se cumpriu, formando-se ilhas linguísticas em algumas localidades, centradas nos descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses. Esse último momento compreende a colonização moderna do Paraná e que, aliado aos anteriores, resultou na constituição de um contexto heterogêneo, multicultural.

Segundo Gregory (2005), os planos de ação do governo, executados pelas companhias madeireiras e pelas colonizadoras, eram implementados por meio da seleção de colonos que se adaptassem à região, “o elemento humano eurobrasileiro do sul do Brasil, ou seja, descendentes de alemães, italianos e de outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade” (GREGORY, 2005, p. 93).

Este terceiro momento levou à formação de áreas linguísticas, que se formam a partir de núcleos de povoamento e do deslocamento pelo território de grupos culturalmente distintos, em diferentes períodos da história. Nesse contexto, a identidade linguística dos falantes pode ter se formado em torno de algumas crenças, principalmente após a passagem dos diferentes grupos pela região e do vazio populacional.

O Oeste paranaense foi e continua sendo um palco de encontros de diferentes grupos, suas línguas, dialetos e falares. Esses cenários se atualizam constantemente, ontem por indígenas, moradores da fronteira, brasileiros e descendentes de alemães, italianos, poloneses, entre outros, hoje, a região tem recebido grupos da África, haitianos e venezuelanos. Destaque-se que, concomitantemente à chegada dos grupos sulistas à região, alguns municípios como Foz do Iguaçu e Guaíra tiveram um aumento da densidade da população árabe³ e oriental segundo Coeli (2008), em 1970. A multiculturalidade e o multilinguismo são silenciados na região diante da ausência de políticas linguísticas que se relacionem com o contexto de fronteira e principalmente com a história dos grupos que formaram e formam a região.

³ Silva, Regina Coeli Machado. Reordenação de identidade de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online]. 2008, v. 47, n. 2, p. 357-373. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132008000200006>. Epub 24 Jul 2009. ISSN 2175-764X. Acesso em: 28 Agosto 2021.

Nas pesquisas que se voltam para a descrição do português falado na região (AGUILERA, 1994; KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002; ALTINO, 2007; BUSSE, 2010) são poucos os registros do contato do português com a língua indígena, a língua de fronteira (espanhol) e as línguas de imigração europeia (alemão, italiano, polonês e as demais). Há, contudo, núcleos de povoamento em que línguas e/ou dialetos, como o alemão, o italiano e o ucraniano ainda estão parcialmente ativos na interação, em espaços muito específicos, como a igreja, os clubes de atividades esportivas e em eventos gastronômicos e culturais.

Beloni (2015), na dissertação de mestrado intitulada “Um estudo sobre a fala e a cultura de italo descendentes em Cascavel-PR”, conclui que as manifestações culturais são um elemento agregador do grupo de descendentes de imigrantes italianos que colonizaram a localidade, enquanto o *talian* sofre, principalmente, entre os mais jovens algumas avaliações tomando o italiano padrão como referência.

Dalleaste (2016), na dissertação de mestrado “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da língua e da cultura italiana em Matelândia/PR”, destaca “a premente necessidade da implementação de políticas linguísticas na comunidade, com o objetivo de promover uma ampla difusão da língua italiana, nas suas variedades *talian* ou padrão, para resgatar a identidade linguística dos moradores” (DALLEASTE, 2016, p. 114). Há na localidade, entre os informantes inquiridos, crenças e atitudes diferenciadas sobre o *talian* e o italiano padrão. Entre os informantes do sexo masculino há a identificação como falantes do italiano, porém, entre as mulheres há apenas o reconhecimento do italiano padrão e, portanto, não se consideram falantes da língua.

Martiny (2015), na tese “Políticas Linguísticas e Educacionais: o ensino de Língua Alemã em Marechal Cândido Rondon, Paraná”, concluiu que a língua alemã se encontra em uso em situações restritas, do dia a dia das famílias. Nesse contexto, restam as manifestações culturais, na gastronomia e na arquitetura, enquanto a língua não encontra mais espaço para seu cultivo, principalmente, entre os jovens.

Referenciamos essas pesquisas para registrar os resultados do contato linguísticos do português e de línguas dos descendentes europeus que colonizaram a região. A crença de um país monolíngue assim como proibições e perseguições a falantes do alemão e do italiano e, principalmente, a ausência de políticas linguísticas nas localidades têm resultado num silenciamento linguístico e no gradativo abandono das línguas e, por consequência, da própria identidade linguística.

A opaca relação entre o polimorfismo linguístico da região e os diferentes comportamentos linguísticos dos falantes é recortado, neste texto, como a sinalização de uma realidade que se orienta de forma mais efetiva para a construção de uma consciência

linguística sem referências no passado e que também não reconhece o presente, com os diferentes grupos linguísticos presentes na comunidade.

Somando-se às pesquisas sobre variação e diversidade linguística, os estudos sobre crenças e atitudes restabelecem a estreita e complexa relação entre língua e sociedade, na qual se revela uma série de comportamentos sociais, com relação aos grupos e à fala.

Labov (1976, p. 47) destaca que “pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, não de qualquer ponto de distância passada, mas são sob forma de uma força social imanente e presentemente ativa”. Essa força se atualiza nas interações sociais por meio da fala, criando superposições de falares, alguns deles soterrados socialmente diante das crenças e atitudes linguísticas dos falantes.

No Oeste do Paraná, podemos reconhecer essas superposições, principalmente, no que se refere à presença de formas marcadas de uma e outra língua, por exemplo, a realização da fricativa velar como tepe, em início de palavra ou entre vogais (traço fonético representativo dos falantes de sulistas) e como retroflexa, em coda silábica (traço fonético representativo dos falantes paulistas e mineiros).

Fishman (2001, p. 145) apresenta o conceito de vitalidade etnolinguística “ethnolinguistic vitality”, como a “capacidade de um grupo para sobreviver como uma entidade distinta coletiva em um cenário intergrupar”, a qual dependeria de fatores, como o status (social, econômico, e de prestígio linguístico), força demográfica (números absolutos, concentração, natalidade, migração), suporte institucional e fatores de controle (presença da língua na mídia, no governo, na escola etc.).

A pesquisa sobre a mudança linguística ou o fenômeno da variação presente em um determinado falar nos leva ao questionamento sobre a motivação para a sua ocorrência ou a sua presença. Mais ainda, até que ponto os falantes resistem ou se rendem às formas coexistentes.

Por meio da descrição das variantes linguísticas, no caso desta pesquisa, sob o princípio dialetológico, segundo Busse (2012), investiga-se a relação entre língua e fatores extralinguísticos, pois

O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo (BUSSE, 2012, p. 114).

Weinreich; Labov e Herzog (2006) destacam a necessidade de se identificar o mecanismo de transferência, na medida em que não se trata da simples troca de uma forma por outra, mas da coexistência sob alternância, numa mesma comunidade linguística e num mesmo falante, de formas consideradas arcaicas e inovadoras e o desfavorecimento gradual da primeira em prol da segunda por motivações sociais. Labov (1994) destaca que

Algumas variáveis são temas abertos para comentários sociais e mostram tanto correção quanto hipercorreção (estereótipos); outras não mostram o mesmo alto nível de consciência social, mas apresentam estratificação estilística e social consistente (marcadores); e a outras nunca se comentam ou se quer são reconhecidas pelos falantes nativos, porém se diferenciam só em graus relativos de avanço entre os grupos sociais que as iniciaram (indicadores) (LABOV, 1994, p. 144-145).

Recuperando o conceito de vitalidade etnolinguística de Fishman (2001), segundo o qual a vitalidade tem a sua incidência no uso da língua, da mesma forma como fazem outros fatores sócio-culturais, através das percepções subjetivas, ou crenças sobre a natureza das coisas, mais do que a realidade objetiva, podemos identificar na presença de certos fenômenos da variação (conservação ou inovação) a pressão de certos grupos sociais.

Membros de grupos com baixa vitalidade são mais propensos a usar estratégias de assimilação, ou grupo pode até mesmo deixar de existir como uma entidade distinta coletiva. Por outro lado, grupos com vitalidade têm maior probabilidade de sobreviver como coletividade distinta em contextos multilíngues. O pressuposto básico aqui é o de que os falantes que percebem a vitalidade grupo como alta possuem atitudes mais positivas sobre o uso de sua própria língua, do que aqueles que acham que ela seja baixa (FISHMAN, 2001, p. 145).

Assim, com formas concorrentes, sobreviverá aquela que pertencer ao grupo mais forte, ou seja, com maior prestígio. No contexto da região Oeste, cuja colonização foi identificada de forma emblemática como “Marcha para o Oeste”, pois estava assentada em ações oficiais do governo do Período Vargas, de nacionalismo exacerbado e de busca de um Estado fortalecido e centralizador, podemos observar a formação de “ilhas culturais”, com a presença de colonos sulistas descendentes de imigrantes europeus (alemães e italianos, principalmente). Esses grupos reproduziram hábitos culturais de seus locais de

origem e marcaram a fala da região com traços linguísticos resultantes do contato de dialetos alemães com o português.

Conforme Aguilera (2005), o Paraná, devido aos diferentes momentos de sua história, coloca-se como um ambiente propício para pesquisas que possam compreender os diferentes comportamentos em torno das línguas e falares em contato, pois é “um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas diversificadas, e até historicamente antagônicas, convivendo lado a lado, assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive, e, sobretudo, os linguísticos” (AGUILERA, 2005, p. 139).

Não realizaremos aqui uma distinção entre crenças e atitudes linguísticas, embora reconheçamos que a manutenção e inovação linguística sejam mobilizadas pelas atitudes. Compreendemos que as atitudes em torno do abandono das línguas dos antepassados têm origem em crenças, ou seja, conforme Barcelos (2007), em “construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. (BARCELOS, 2007, p. 113).

Ao analisarmos algumas atitudes evidenciadas nas respostas dos informantes, somos levados a mergulhar nas condições de implantação da língua portuguesa no território brasileiro e na, conseqüente, criação de uma consciência monolíngue e de língua hegemônica dos colonizadores.

Para Botassini (2013), as crenças determinam o

comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma. Elementos esses carregados de informações e sentimentos que, geralmente, vão produzir atitudes (BOTASSINI, 2013, p. 60).

As crenças apresentam-se como perspectivas construídas social ou individualmente e que “nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (BARCELOS, 2007, p. 114). A crença em um país monolíngue é a esteira pela qual se desenrolam as relações entre línguas, que, à sombra da língua hegemônica, ainda resguardam elementos de uma identidade cultural, mas que não sobrevive à interação cotidiana em diferentes ambientes sociais.

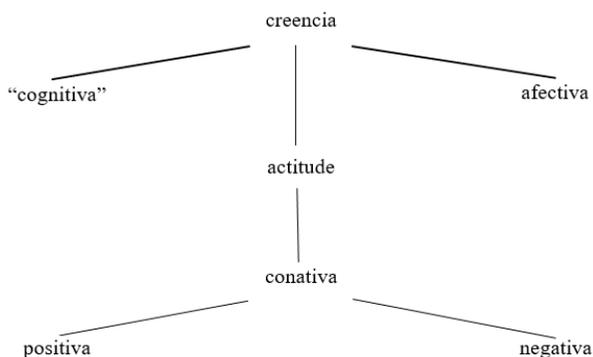
A atitude, para Lambert e Lambert (1966), materializa-se em fazeres sobre uma situação, pois pode ser descrita como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer

acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77).

Segundo Orsi (2010, p. 7), “o modo em que uma atitude se desenvolve está imerso no contexto social, por tanto pré-existe na sociedade um sistema de crenças, valores, costumes e normas compartilhadas.” A internalização de construtos sociais, organizados e estruturados resulta em diferentes atitudes frente a diferentes situações.

Moreno Fernández (1998) apresenta um esquema da estrutura interna dos componentes e sua relação entre as crenças e as atitudes, conforme a figura 1:

Figura 1: Relação entre crença e atitude



Fonte: López Morález, (1993, p. 235)

Nas pesquisas sobre variação e mudança linguística, as atitudes buscam, segundo Kaufmann (2011, p. 122), “analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja esse comportamento vinculado às variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (por exemplo, perda ou manutenção delas)”. Grupos linguísticos em diferentes posições sociais tendem a travar certa luta quanto ao uso de determinadas formas linguísticas, principalmente aquelas que marcam o *status*.

3. Crenças e atitudes linguísticas: recortes de línguas e falares em contato

No Oeste do Paraná, a realidade linguística pode ser descrita a partir do complexo ambiente de atuação das diferentes forças sociais, com a tendência para a manutenção de traços dos grupos de origem que dão à região uma identidade ou com a implementação de formas inovadoras de grupos linguísticos de diferentes regiões do Brasil.

O panorama linguístico da região foi desenhado a partir de uma alteração na paisagem social e econômica advinda de mudanças de diversas ordens, dentre elas, a construção da hidrelétrica de Itaipu, e com todos os desdobramentos que a obra gerou, como alagamentos e desapropriações, *royalties*, entre outros, o desenvolvimento do setor do agronegócio, a prestação de serviço, a formação de polos universitários e na área da saúde. A região passou da monocultura, centrada da agricultura familiar, para a formação de centros de produção econômica, gerando um movimento populacional intenso e constante.

Segundo Busse (2010, p. 23),

Do ponto de vista linguístico, é possível identificar os resultados do panorama multicultural que se formou na região, com áreas de concentração de traços dos falantes sulistas. O contato entre grupos provenientes de diferentes regiões do Brasil e de diferentes culturas ocorreu a partir da função e do papel que cada um assumiu no processo de colonização da região. Temos, assim, a formação de grupos e comunidades cuja organização se encontra respaldada pelo poder econômico, estabelecido em torno da propriedade da terra, e grupos cuja migração na década de 1960 era em número inferior e avolumou-se a partir dos anos de 1980, e que forneceram mão-de-obra tanto no trabalho da lavoura quanto nos empreendimentos que surgiam nas zonas urbanas. Foram decisórios para a formação da identidade do morador da região Oeste os fatos históricos, econômicos e políticos que envolveram a atuação das companhias colonizadoras, como, por exemplo: a seleção dos colonos que, de posse das terras, formariam a população do Oeste; o sistema de formação das lavouras (pequenas propriedades) a implementação dos processos produtivos e a entrada tardia de pessoas vindas de outras regiões. A formação da identidade do morador da região Oeste teve como ingrediente básico a convivência entre as diferentes etnias e culturas.

Apresentamos na sequência as respostas dos informantes por ocasião da realização dos inquéritos para o estudo da fala do Oeste do Paraná e uma tentativa de análise das crenças e atitudes linguísticas. Para tal, selecionamos alguns recortes observando a dimensão diatópica, localização das localidades e povoamentos (núcleos mais ou menos etnicamente homogêneos) e as dimensões diastráticas (sexo, faixa etária e classe social). Aos recortes seguem entre parênteses as informações referentes à localidade (nome), e às dimensões diastráticas: sexo (masculino ou feminino); classe social ou escolaridade (Cb: sem escolarização ou ensino fundamental incompleto; Ca: ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto) e faixa etária (GI: 18 a 35 anos; GII 40 a 65 anos).

As respostas referem-se à pergunta do Questionário Metalinguístico: “Como você acha que os moradores daqui (falar o nome da cidade) falam? Por quê?”

- (1) Olha, aqui em Guaíra tem... em a cidade exatamente de Guaíra, ela tem muitos sotaques muito misturados, então isso vira um mesclado de tudo um pouco. Acho que todos têm uma certa língua, sabe. Não tem um sotaque específico, que nem lá no interior de Marechal Cândido Rondon nós teríamos um sotaque, puxando tipo tudo um padrão, né. Aqui, todo mundo, acho que tenta... tenta homogeneizá o sotaque, né. Sempre a descendência puxa um pouco, japonês fica com sotaque japonês, nós também, mas no geral, todo mundo tenta homogeneizá mais, né, porque, têm muitos tipos... (Guaíra, MCBGII⁴)

Neste primeiro depoimento encontramos a avaliação do informante quanto à fala na sua comunidade, bem como a descrição da realidade que envolve situações de contato entre línguas e dialetos. Essa reflexão de que o contato entre diferentes línguas e falares resultou na heterogeneidade linguística da localidade é mobilizada pela crença cognitiva, baseada no conhecimento sobre as línguas presentes na comunidade. Observa-se uma atitude positiva sobre a heterogeneidade na fala, embora a homogeneização mencionada possa indicar a tentativa de superação de estigmas que resultam sobre o diferente e também do que possa, talvez, ser identificado como perfil linguístico do município.

Nos recortes (2) e (3) podemos observar a caracterização de uma fala que busca uma uniformidade. Essa pressão se dá pelos grupos de maior prestígio nas localidades, observando os elementos que dão, segundo Fishman (2001), vitalidade etnolingüística à fala.

⁴ Informante masculino, classe baixa, geração mais velha.

Em 2, a observação de que as diferenças entre a fala da informante e a fala da comunidade geram determinados comportamentos entre os falantes da localidade está baseada na crença afetiva. O pertencimento à comunidade depende, nesse contexto, de uma adaptabilidade da fala aos traços linguísticos predominantes.

- (2) Porque eu fui criada no norte tenho outro jeito de conversá, cheguei aqui, peguei o ritmo deles, mas já não falo igual eles. Têm muitas coisa que eu falo que eles dão risada, porque não é igual (Guaíra, FCbGII⁵).

No excerto 3 observamos um comportamento mobilizado pela crença cognitiva quando a informante relaciona o falar da sua localidade de origem com o nortista e o falar de Santa Helena com o alemão. No que se refere à atitude, novamente é manifestada a necessidade de adaptação à fala da localidade.

- (3) Eu acho..., eles falam um poquinho diferente. Né, porque aonde que eu morava, né, é mais... Umuarama era mais nortista, né? Aqui já tem mais alemão, né? Eles já têm um sotaque diferente. Agora eu já aprendi, também, a falá com eles, né... (risos) (Santa Helena, FCbGI⁶)

Chambers e Trudgill (1980, p. 96-97) destacam que falantes que pertencem a grupos que não possuem uma ‘segurança social’, que os aproxime de um grupo mais alto e que não se encontram suficientemente distantes de um grupo mais baixo (classe trabalhadora), apresentam ‘insegurança linguística’, os quais buscam uma fala cuidadosa e monitorada, usando formas linguísticas de maior prestígio.

Os excertos são de informantes do sexo feminino, que, diferentemente dos homens, apresentam maior sensibilidade das pressões sociais principalmente aquelas advindas de grupos mais prestigiados na comunidade. Paiva (2004) destaca o fato de que a correlação sexo e variação linguística está relacionada ao prestígio atribuído pela comunidade ou grupo social a determinadas formas como também à forma de organização social da comunidade. Quanto às explicações sobre as diferenças linguísticas entre falantes de gêneros diferentes, segundo Trudgill (1974), estudos sociolinguísticos demonstram que as mulheres em nossa sociedade são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas

⁵ Informante feminino, classe baixa, geração mais velha.

⁶ Informante feminino, classe baixa, geração mais nova.

do que os homens. Por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais.

Na sequência, o recorte 4 revela uma atitude mais receptiva quanto à pressão de determinadas formas. Os informantes são do município de Assis Chateaubriand que se encontra próximo ao noroeste da região e se distancia dos núcleos de colonização sulista.

- (4) Óia, fica meio difícil pra mim falá, porque os minero com paulista mistura bastante, paranaense são meio... parece que misturo bastante. E os nordestino também, quando eles vêm do Norte, são bastante diferente, mas depois que eles tão aqui muda. Aí fica mais, mais no paulista, aí, paulista, minero, acho que fica mais nessa língua aí. (Assis Chateaubriand, MCbGII⁷)

A heterogeneidade linguística da comunidade é reconhecida pelo informante, com destaque para os falares paulista e mineiro como semelhantes ou “misturados”, com uma observação reticente com relação ao paranaense. Destaca-se, porém, a força dos traços do falar paulista e mineiro sobre os grupos que chegam à comunidade. O município, embora localizado na região Oeste, apresenta traços linguísticos particulares que o vinculam ao falar paulista e/ou mineiro. O conhecimento sobre as diferenças dos grupos linguísticos presentes na comunidade, cuja predominância leva os demais falantes, que chegam à comunidade a se adaptarem, expressa uma atitude positiva diante da heterogeneidade linguística.

No excerto 5, mesmo registrando que entre as variações há aquelas que possam ser identificadas corretas ou da “cultura antiga” ou “cultura caipira”, o informante reconhece as diferenças e reflete sobre elas amparado em questões de ordem cultural. Baseando-se na crença cognitiva, provavelmente o contexto social o leva a perceber as diferenças do ponto de vista da convivência entre diferentes gerações.

- (5) Olha, existe, existe variações, né. Existe quem fala correto, aqueles que já, tipo aqueles nome que a gente citô, que ainda se conserva, né. Digamos que isso daí é uma... na sociologia é a cultura que uma pessoa recebe, né. Então, se você recebe aquela cultura antiga, caipira, mas é uma cultura, também. (Assis Chateaubriand, FCaGII⁸)

⁷ Informante masculino, classe baixa, geração mais velha.

⁸ Informante feminino, classe alta, geração mais nova.

Nos excertos 6 e 7 encontramos posicionamentos mais críticos sobre as diferenças linguísticas da comunidade. As respostas são de informantes da geração mais nova (18 a 35 anos). As avaliações tocam em pontos como a gíria, presente na fala do jovem, e a interferência de uma língua na outra, no caso do alemão no português. Os aspectos apontados pelos informantes podem indicar a pressão social sobre o domínio dos conhecimentos gramaticais da língua e, também, sobre a necessidade de se distanciarem dos traços linguísticos mais estigmatizados da comunidade.

(6) Bem mal...

Ah, se for analisá pelo português... viche, principalmente os jovens, nossa... totalmente errado o jeito de falá, muita gíria... eh... Bem diferente do que precisaria sê, né?

A gente foi, nós fumo..., entendeu? Essas coisas assim, nossa, completamente errado... (Marechal Cândido Rondon, MCGI⁹)

(7) Com sotaque alemão... Bastante...

Ah... troca as letras, tipo o b... o b pelo p, pelo t também... o f pelo v. Até no modo de escrevê tem gente que troca fazemos... fazemos, o tia, dia...

Como aqui é uma cultura mais alemã, é difícil alguém que falá diferente. Mesmo que vem de outro lugar, assim mais do norte, acaba pegando o costume, né, de falá...

Acaba que pega o costume de escutá... de tanto escutá acaba falando também, né.

Ah, cada região tem um jeito. Que nem o nordeste tem um jeito... a Bahia fala mais puxado, aqui, aqui Rondon aqui... com mais alemão. Acho que o Brasil não tem uma língua certa... Que a pessoa tem um sotaque. (Marechal Cândido Rondon, FCGI¹⁰)

As avaliações expostas partem de conhecimentos que os informantes possuem sobre estrutura e uso da língua e sobre diferentes falares do português, esses elementos estão baseados em crenças negativas sobre a fala. Em 7, embora haja uma crença negativa sobre a origem dos vários falares, a atitude é positiva, pois há a constatação de a diferença estar também relacionada à cultura e à geografia, o que leva à relativização do certo e errado.

⁹ Informante masculino, classe alta, geração mais nova.

¹⁰ Informante feminino, classe alta, geração mais nova.

As respostas dos excertos (8) e (9) dão indícios de crenças e atitudes mais positivas sobre a fala. Há, por parte dos informantes, o registro de certa segurança quanto à avaliação da sua fala e da fala de outros, o que pode estar relacionada às condições econômicas dos falantes, mas também ao pertencimento ao grupo de prestígio nas localidades. Os excertos são de informantes de geração mais velha (45 a 65 anos), pertencentes aos grupos que colonizaram a localidade, que gozam de *status* e prestígio social.

(8) A gente acha que é certo, né, pode ser que muitas pessoas acham que é errado. (Marechal Cândido Rondon, FCaGII¹¹)

(9) Entre nós aqui, o pessoal já veio do Sul, então troxe o mesmo sotaque, as mesmas..., né. Agora no norte, Umuarama, aí pra cima, é diferente, mais puxado pro pessoal do norte, né? Paulista, Rio de Janeiro veio de lá, e nós subimo aqui. Nós não sentimo muito a diferença... (Santa Helena, MCaGII¹²)

As crenças e as atitudes são positivas. A informante feminina (excerto 8) reconhece que a diferença pode gerar a avaliação entre o certo e o errado. Mas essa avaliação parece não sofrer um efeito sobre a fala. Para o informante masculino (excerto 9), apesar de as diferenças existirem e remeterem à origem dos falantes, os traços linguísticos da comunidade representam o grupo que colonizou a localidade. Assim, a particularidade da fala é abonada pelo papel do grupo na comunidade.

Dentre os elementos que se destacam em cada resposta, podemos observar que o contexto multidialetal da região pode ser um aspecto representativo na identificação e análise da formação de áreas de conservação, inovação e transição linguística. Em torno das crenças e das atitudes sobre a fala pode surgir, assim, um ambiente favorável ou não para a mudança linguística. Observamos que a relação não é unidirecional, mas de uma via de mão-dupla, em que as crenças e as atitudes manifestam a dinâmica relação entre língua e sociedade, entre língua e falantes e entre os grupos que constituem as comunidades. As mudanças na ordem social implicam ou não a mudança também de atitudes quanto à língua. Essa realidade pode ser observada na implementação da retroflexão na região.

Do ponto de vista linguístico, é possível identificar os resultados do panorama multicultural que se formou na região, com a formação de áreas de concentração de traços dos falantes sulistas. O contato entre grupos provenientes de diferentes regiões do Brasil e

¹¹ Informante feminino, classe alta, geração mais velha.

¹² Informante feminino, classe alta, geração mais velha.

de diferentes culturas ocorreu a partir da função e do papel que cada um assumiu no processo de colonização da região.

As crenças e as atitudes dos falantes sobre sua fala e a fala do outro se colocam como possibilidade para refazer os caminhos percorridos pelas variantes no interior dos grupos e dos grupos no interior da comunidade.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: Estudos Linguísticos. São Paulo, 2008, p. 105-112.
- BELONI, Wânia Cristiane Beloni. Um estudo sobre a fala e a cultura de italo descendentes em Cascavel-PR. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BUSSE, Sanimar. Investigações Geossociolinguísticas: Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. Revista Línguas & Letras, v. 13, n. 24, p. 90-116, 1º Sem. 2012.
- BUSSE, Sanimar. Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. Volume 1. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. Dialectology. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- DALLEASTE, Ana Paula. Estudo da fala de descendentes italianos em Matelândia-Paraná. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.
- FISHMAN, Joshua. Handbook of language & ethnic identity. New York: Oxford University Press, 2001.
- GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volume I e II:

- Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.
- LABOV, William. Principios del cambio lingüístico. Volumen 1 e 2: Factores internos. Madrid: Gredos, 1994.
- LAMBERT, William. W.; LAMBERT, Wallace. E. Psicologia social. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- MARTINY, F. M. M. Políticas Linguísticas e Educacionais: o ensino de língua alemã em Marechal Cândido Rondon. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Ariel, 1998.
- ORSI, Laura. Estereotipos y actitudes: similitudes y diferencias. Universidad Nacional del Sur, 2010.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.
- RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000. Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics: an introduction to language and society. England: Penguin Books, 1974.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola, 2006.